

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
IFCH – INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – LICENCIATURA

DANIEL SANTOS BORGES

Percepções dos ex-discentes e professores sobre a disciplina de Sociologia: um estudo de caso sobre o Instituto Federal do Rio Grande do Sul

PORTO ALEGRE

2019

DANIEL SANTOS BORGES

Percepções dos ex-discentes e professores sobre a disciplina de Sociologia: um estudo de caso sobre o Instituto Federal do Rio Grande do Sul

Trabalho de Conclusão para o Curso de Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, como requisito parcial para obtenção de título superior.

Orientador Prof. Dr. Enio Passiani

Porto Alegre

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Enio Passiani, por ter me acolhido em um momento crucial do meu trabalho. Obrigado por auxiliar com referências teóricas, me esclarecer questões a respeito do comitê de ética e pensar comigo em todo o processo do TCL. Meu trabalho não seria igual sem a leitura do livro *Além do habitus*, que o senhor me emprestou.

Agradeço ao Prof. Dr. Sandro Ruduit Garcia por ter acreditado no meu potencial e no meu trabalho de pesquisa durante a iniciação científica.

Agradeço à minha mãe, Desa Santos Borges, por ter me incentivado desde a infância a estudar. Este trabalho é fruto dessa caminhada, portanto, muito obrigado. Agradeço à minha irmã, Auryane Santos Borges, e ao meu falecido pai, Manoel Auriano Borges, por sempre me apoiarem e acreditarem em mim.

Agradeço ao CNPq pela oportunidade de obter a bolsa e realizar a iniciação científica.

RESUMO

O campo de investigação deste trabalho recai sobre os significados que ex-alunos (as), coordenador e a professora de sociologia do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), curso de biotecnologia, Campus Porto Alegre, constroem a respeito da disciplina de Sociologia das Organizações e do Trabalho. As prospecções de dados foram realizadas no endereço eletrônico do Instituto Federal e Instituto Federal Campus Porto Alegre, IFRS, sendo que a coleta foi feita a partir dos documentos sobre os referenciais históricos, legais e organizacionais da IFRS, a estrutura do instituto e a estrutura do curso de Biotecnologia somada às entrevistas semiestruturadas com o coordenador do curso de Biotecnologia, a professora de Sociologia e com dois ex-alunos (as) do curso. A análise do trabalho baseou-se no conceito de ator plural, do sociólogo Bernard Lahire. Os dados da pesquisa revelam que os alunos (as) e professores compreendem de modos distintos a sociologia como uma disciplina importante, no sentido que os ajudam a perceber as formas de organização do trabalho.

Palavras chaves: Sociologia; Sociologia das Organizações e do Trabalho; Sociologia no Ensino Médio, Escolas Técnicas, Curso Técnico de Biotecnologia.

ABSTRACT

The field of investigation of this study relies on the meaning that the former students, the course coordinator, and the Sociology teacher at the Federal Institute of Rio Grande do Sul, Biotechnology course, Porto Alegre Campus, have built toward the Organizational and Labouring Sociology course. The data-mining has been performed at the electronic address of the Federal Institute and also at Campus Porto Alegre, at the Federal Institute, IFRS. The data has covered historical references and legal and organizational documents of the Federal Institute. Besides, research has been developed regarding the structure of the institute and its Biotechnology course alongside the semi-structured interviews with the coordinator of the Biotechnology course, the Sociology teacher, and two former students. The work analysis was based on Bernard Lahire's concept of plural actor. Research results demonstrate that students and teachers may understand Sociology distinctively. This diversity of visions, however, helps them realize the different social manners of labouring organization.

Keywords: Sociology; Organizational and Labouring Sociology; Sociology in High School, Technical Schools, Technical Biotechnology Course.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	REFERENCIAL TEÓRICO	13
3	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	18
3.1	COORDENADOR DO CURSO DE BIOTECNOLOGIA	18
3.2	PROFESSORA DE SOCIOLOGIA	22
3.3	EX-DISCENTE 1	24
3.4	EX-DISCENTE 2	29
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS	35
	APÊNDICE A - PERGUNTAS PARA O COORDENADOR DO CURSO DE BIOTECNOLOGIA E PARA A PROFESSORA DE SOCIOLOGIA.....	39
	APÊNDICE B - PERGUNTAS PARA OS EX-DICENTES DO CURSO DE BIOTECNOLOGIA	40
	ANEXO A - GRADE CURRICULAR DO CURSO DE BIOTECNOLOGIA:.....	41

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa se debruça sobre o ensino de sociologia na educação técnica. Compreendo que o ensino de sociologia no ensino médio tem questões similares ao ensino técnico, como certa dificuldade do corpo discente compreender o sentido da disciplina ou mesmo certos problemas que os/as professores/as podem enfrentar para elaborar suas metodologias de aula. Mas há também especificidades de um e de outro. Como a proposta do ensino técnico é a profissionalização, é bem provável que as dificuldades comuns sejam acentuadas. Essa é uma das razões pelas quais optamos por realizar nossa pesquisa num Instituto Federal.

A investigação se orientou a partir do meu estágio de docência na IFRS, Campus Porto Alegre, no curso de biotecnologia. Nesse período conheci mais profundamente como se organizava a estrutura de ensino na educação profissional, conteúdos didáticos e a relação que os discentes e os docentes estabeleciam entre a disciplina de sociologia e as de mais disciplinas. Entre os vários direcionamentos a partir dos quais poderia realizar a pesquisa, resolvi fazer um recorte direcionando para a compreensão ou o sentido que os alunos produziram acerca da disciplina dentro do curso técnico, sendo a pergunta que guia esta pesquisa a seguinte: *como os alunos e professores do ensino técnico de biotecnologia da IFRS, campus Porto Alegre, concebem a disciplina de sociologia das organizações e do trabalho no ensino técnico?*

O objetivo deste trabalho, portanto, é verificar como os discentes e os professores compreendem a disciplina de sociologia no curso técnico de biotecnologia. A metodologia da pesquisa foi a realização da leitura dos documentos e normas disponíveis ou indicados pelo site da IFRS e entrevistas semiestruturadas com professores e ex-alunos do curso de biotecnologia. A escolha pela entrevista semiestruturada se mostrou uma ferramenta de pesquisa mais eficaz no decorrer do trabalho, porque nesse modelo de entrevistas o entrevistador já tem um roteiro de perguntas definidas, entretanto a pessoa que realiza a entrevista não fica presa ao roteiro, podendo elaborar outras perguntas a partir do que foi dita no decorrer do depoimento e retornar ao roteiro. Do mesmo modo o entrevistado goza da mesma liberdade para extrapolar as perguntas realizadas pelo pesquisador. A seleção dos indivíduos que realizaram o questionário se estabeleceu com disponibilidade de tempo e seu interesse em realizar a conversa. O primeiro contato com os ex-discentes foi obtido através dos meus alunos no período do meu estágio, e dentre as pessoas indicadas, só duas aceitaram realizar a entrevista. Em relação aos discentes também houve a questão do tempo acessível

para efetuar o depoimento, somada à exigência da coordenadoria do curso de submeter o trabalho para o comitê de ética da UFRGS. Contudo, segundo a determinação do meu orientador, não foi necessário apresentar a pesquisa para o comitê visto que a pesquisa não envolvia pessoas menores de idade, indivíduos em situação de vulnerabilidade, comunidades indígenas e quilombolas; dessa maneira só uma assinatura do termo de livre consentimento já eram o suficiente. Os entrevistados não quiseram realizar outras entrevistas além das combinadas, assim não foi possível proceder integralmente à proposta metodológica de Lahire, que orientava para depoimentos longos, de vários dias e de outras pessoas do convívio do entrevistado.

Embora a literatura a respeito do tema indique que vários fatores concorrem para desvalorização da sociologia nos cursos técnicos - tais como o pouco tempo de aula e a falta de diálogo com as outras disciplinas, que são majoritárias e estabelecem, em boa parte, relação direta com o futuro ofício dos estudantes, insisto na hipótese que a metodologia de ensino desenvolvida não estabelece os nexos entre a profissão para a qual o curso prepara e os conteúdos da disciplina de sociologia, o que faz tanto os docentes terem concepções distintas da disciplina de sociologia e quanto os discentes não compreenderem o sentido da disciplina no ensino técnico.

Na análise bibliográfica sobre o ensino de sociologia é possível verificar uma certa densidade de trabalhos para educação básica:

O estudo realizado por Anita Handfas (2011) nos permite visualizar de maneira mais ampla o processo de produção do conhecimento a respeito do ensino de Sociologia. Ao realizar um estado da arte sobre o tema a partir do levantamento das teses de doutorado e dissertações de mestrado produzidas nos programas de pós-graduação brasileiros, a autora observou uma tendência de crescimento da produção a partir dos anos 2000, contrariando “visão corrente nessa área de pesquisa de que ainda nos encontramos num estágio baixo de produção de conhecimento” (HANDFAS, 2011, p. 390). Para a autora, o incremento das pesquisas sobre o ensino de Sociologia a partir de 2000 pode ser compreendido como o resultado de uma série de fatores, dentre os quais cabe destacar: a alteração na LDB em 1996; as mobilizações em torno da obrigatoriedade do ensino de sociologia na educação básica; eventos acadêmicos sobre formação de professores e ensino da disciplina; criação do grupo de trabalho “Ensino de Sociologia” no congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia de 2005; a realização do encontro nacional sobre ensino de Sociologia, cujo primeiro ocorreu em 2009, bem como a elaboração de políticas de formação docente inicial e continuada. Em termos dos dados apresentados pela autora interessante observar que no período compreendido entre 1993 a 2011 foram defendidas 33 dissertações de mestrado e duas teses de doutorado, sendo que seis teses se encontram em andamento. Tal produção ocorre predominantemente nos programas de pós-graduação em educação (22 trabalhos), e minoritariamente em programas de pós-graduação em sociologia/ciências sociais (11 defesas). Outra conclusão deste estudo que chama atenção e está ligada ao campo de desenvolvimento das pesquisas é a respeito da natureza desses trabalhos: basicamente empíricos e “voltados às investigações das práticas pedagógicas que

envolvem o ensino de sociologia. Ainda são poucas as pesquisas que buscam pensar sociologicamente o ensino de sociologia” (HANDFAS, 2011, p. 398). Quanto às temáticas abordadas por estes estudos, as mesmas concentram-se em cinco enfoques: a) institucionalização das ciências sociais: primeiros manuais, história da disciplina nas escolas; b) currículo: disciplina escolar, práticas pedagógicas, metodologias, recursos, didáticas; c) percepção sobre ensino de sociologia no ensino médio: alunos e professores; d) trabalho docente: condições de trabalho do professor de sociologia; e) disputas pela implantação da sociologia no ensino médio. (ORSATO; FERREIRA, 2017, p. 8).

Apesar de existirem trabalhos sobre a percepção dos alunos sobre a disciplina de sociologia no ensino básico, há poucas produções acadêmicas para o ensino técnico. Com o objetivo de preencher essa lacuna, este trabalho tem como objeto de análise o ensino técnico de nível médio da IFRS, Instituto Federal do Rio Grande do Sul, principalmente a unidade Campus Porto Alegre. Os dados de referência deste capítulo foram obtidos pelo endereço virtual da instituição. Os elementos que a compõem vão desde a história da instituição IFRS, passando primeiramente pelo processo legal, ao IFRS Campus Porto Alegre, estrutura física atual, cursos e currículo para, posteriormente, focar no curso de Biotecnologia do Campus Porto Alegre, no qual estão apresentados os objetivos do curso, a estrutura curricular, os conteúdos, o perfil dos alunos e a dinâmica das aulas.

A Constituição Federal direciona princípios gerais em torno da educação. O que tange à relação do mundo do trabalho e da educação está no artigo 214, no qual se estabelece o Plano Nacional de Educação, que visa articular o Sistema Nacional de Educação, propor algumas metas de desenvolvimento, sendo que uma das quais tem o enfoque na formação para o trabalho. A LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, direciona os princípios e as formas de realização para educação profissional de nível técnico. A definição da educação profissional de nível técnico é apresentada na resolução CNE/CEB nº 06/2012, segundo a qual:

Art. 5º Os cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio têm por finalidade proporcionar ao estudante conhecimentos, saberes e competências profissionais necessários ao exercício profissional e da cidadania, com base nos fundamentos científico-tecnológicos, sócio-históricos e culturais. (BRASIL, 2012, p.2).

Nas finalidades da educação profissional de nível médio constam os elementos sociais, culturais e de cidadania, que são estudados pela Ciências Sociais. Dentro das normativas que orientam a formação do curso de Biotecnologia, em relação à parte que

envolve as relações humanas, constam os direitos humanos, as relações étnico-raciais e a educação ambiental, que se referem, em alguns artigos, às dimensões humanas, inclusive em relação aos indígenas, quilombolas e outras comunidades que convivem diretamente com a natureza, e que consta na Política Nacional de Educação Ambiental.

Desde os anos 2000 ganha força no Brasil a ideia de associar as políticas educacionais às políticas socioeconômicas para redução da exclusão econômica e social. Desencadearam-se medidas para tentar formar uma rede mais coesa entre as esferas legais e administrativas da federação, estados e municípios em relação às políticas educacionais, como a revogação do Decreto 2.208/97, realizada por meio do Decreto 5.5154/2004, criando a possibilidade legal de assimilar o currículo dos ensinos médios e técnicos. Em 30 de dezembro de 2008, é publicada a lei 11892/2008, que cria, no âmbito federal, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Essa lei concebe uma rede federal que abrange cinco instituições:

- I - Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - Institutos Federais;
- II - Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR;
- III - Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET-RJ - e de Minas Gerais - CEFET-MG;
- IV - Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais (Redação dada pela Lei nº 12.677, de 2012); e
- V - Colégio Pedro II (BRASIL, 2008, p.1).

O Governo Federal do Brasil estabelece trinta e oito Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia que se distribuem pelo país. No estado do Rio Grande do Sul, o IFRS “[...] se estruturou a partir da união de três autarquias federais: o Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet) de Bento Gonçalves, a Escola Agrotécnica Federal de Sertão e a Escola Técnica Federal de Canoas” (INSTITUTO FEDERAL RIO GRANDE DO SUL). O Campus do IFRS Porto Alegre foi criado a partir do artigo IV dessa lei, desvinculando a tradicional escola técnica da UFRGS da universidade.

Sua história mescla-se com a história da UFRGS, desde sua fundação em 26 de novembro de 1909, como Escola de Comércio de Porto Alegre e, mais tarde, Escola Técnica da UFRGS, até dezembro de 2008, quando tornou-se o Campus Porto Alegre do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. (INSTITUTO FEDERAL RIO GRANDE DO SUL CAMPUS PORTO ALEGRE, 2018).

Atualmente, a estrutura do IFRS:

Possui 17 campi: Bento Gonçalves, Canoas, Caxias do Sul, Erechim, Farroupilha, Feliz, Ibirubá, Osório, Porto Alegre, Restinga (Porto Alegre), Rio Grande e Sertão e, em processo de implantação: Alvorada, Rolante, Vacaria, Veranópolis e Viamão. A Reitoria é sediada em Bento Gonçalves. Atualmente, o IFRS conta com cerca de 20 mil alunos, em mais de 250 opções de cursos técnicos e superiores de diferentes modalidades e Proeja. Oferece também cursos de pós-graduação e dos programas do governo federal e de Formação Inicial ou Continuada. Tem aproximadamente 1.020 professores e 950 técnicos-administrativos. (INSTITUTO FEDERAL RIO GRANDE DO SUL, 2018?).

O Campus de Porto Alegre:

[...] oferece 17 cursos técnicos e cinco cursos superiores, entre presenciais e à distância, além do PROEJA, pós-graduação e cursos de extensão e capacitação profissional, alguns através do PARFOR ou em convênio com instituições parceiras, como o Grupo Hospitalar Conceição (GHC). Com isso a antiga Escola Técnica da UFRGS, atual Campus Porto Alegre do IFRS, deu início a uma nova fase de expansão, em que ofertará todas as modalidades de ensino regular, ou seja, do PROEJA ao Ensino Superior. (INSTITUTO FEDERAL RIO GRANDE DO SUL CAMPUS PORTO ALEGRE, 2018).

O Campus de Porto Alegre tem diferentes opções de curso: a) técnico integrado, ou seja, Ensino Médio com técnico noturno: PROEJA - técnico em administração; b) técnicos subsequentes, ou pós-Ensino Médio: Administração, Biblioteconomia, Biotecnologia, Contabilidade, Informática, Instrumento Musical, Meio Ambiente, Panificação, Química, Redes de Computadores, Secretariado, Segurança do Trabalho, Transações Imobiliárias; c) cursos de ensino superior: licenciatura em ciências da natureza: Biologia e Química, licenciatura em Pedagogia, superior de Tecnologia em Gestão Ambiental, superior de Tecnologia em Processos Gerenciais, superior de Tecnologia em Sistemas para Internet; d) cursos de pós-graduação: mestrado profissional em Informática na Educação, mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica, especialização em Gestão Empresarial, especialização em Atenção à Saúde do Idoso.

As áreas de Biotecnologia vão além de encontrar maneiras de conservação e de melhor utilização da biodiversidade e também se inserem em vários setores da Economia como Agronegócio e Farmácia. O curso tem como objetivos:

- a) Estimular a criatividade, a autonomia intelectual, o pensamento crítico e a auto-aprendizagem para a sistematização e construção do conhecimento sustentada na relação teoria e prática;
- b) Desenvolver a capacidade de observação, planejamento, problematização, contextualização e interpretação dos processos biotecnológicos e dos fatores que neles intervêm, buscando soluções para os problemas concernentes à prática profissional;

- c) Buscar soluções aos desafios e problemas da prática profissional, com cidadania e respeito ao meio ambiente e aos princípios éticos, estéticos e políticos;
 - d) Desenvolver técnicas e métodos relativos à produção de serviços e produtos biotecnológicos;
 - e) Elaborar, executar, monitorar e/ou acompanhar pesquisas e produções de biotecnologias;
 - f) Atender as demandas do mercado de trabalho na área de Biotecnologia;
 - g) Promover a interação entre ciência, tecnologia e produção biotecnológica.
- (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL CAMPUS PORTO ALEGRE, 2010, p. 17).

A estrutura curricular está organizada em três módulos, sendo que cada módulo tem dez disciplinas, variando os créditos entre um a dez (para maior detalhamento, a grade curricular encontra-se no anexo). A disciplina de Sociologia do curso de Biotecnologia é nomeada Sociologia das Organizações e do Trabalho, inserindo-se no terceiro módulo do curso. O propósito da disciplina é instigar os alunos a refletir sobre como são produzidos os processos relacionais em uma organização e no trabalho, fazendo-os sair do escopo do fazer técnico, analisando as dimensões sociais em que seu trabalho está inserido, verificando, pois, suas implicações políticas. Os conteúdos que são ministrados estão indicados no plano pedagógico do curso: sistema capitalista e organizações: teorias sociológicas, histórico do sistema capitalista e suas áreas de desenvolvimento, positivismo, marxismo, sociologia compreensiva, o trabalho na sociedade moderna, fordismo/taylorismo, o trabalho em tempos de globalização, estado, democracia e cidadania.

O perfil dos alunos segundo o plano pedagógico da IFRS é assim definido:

- O perfil profissional do técnico em Biotecnologia foi delineado conforme as competências profissionais da área profissional de Química, com vistas à proposição de soluções para os problemas profissionais técnicos e humanos relativos à Biotecnologia. O Técnico em Biotecnologia deverá ser um profissional capaz de:
- a) Utilizar e manter vidrarias, instrumentos e equipamentos de laboratórios de biotecnologia;
 - b) Manipular e monitorar reagentes e produtos químicos e materiais biológicos;
 - c) Operacionalizar técnicas como: pesagem, pipetagem, autoclavagem, potenciometria, microscopia, espectrofotometria, extração e amplificação de DNA, eletroforese, análises bioquímicas, procedimentos histológicos, análises imunológicas e parasitológicas, cultivo de células e tecidos animais e vegetais, cultivo e identificação de microorganismos;
 - d) Processar dados e informações relacionadas a laboratórios biotecnológicos com o uso da informática e estatística;
 - e) Elaborar pareceres, laudos, instrumentos de avaliação e relatórios na área da Biotecnologia e afins;
 - f) Elaborar e executar projetos biotecnológicos;
 - g) Atuar no controle de qualidade de produtos e serviços na área da biotecnologia e afins;
 - h) Apresentar habilidade de relacionamento e dinâmica de trabalho em equipe.
- (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL CAMPUS PORTO ALEGRE, 2010, p. 19).

A dinâmica das aulas é variada, tendo momentos em que há debates, produção textual, exposição de vídeos, filme, música e outros elementos culturais que reflitam a dinâmica social do trabalho, porém a didática pretende que os alunos ponderem sobre o mundo do trabalho e sobre suas implicações sociais, fazendo instigar o debate, tendo como base os conteúdos oriundos do plano pedagógico da IFRS.

A instituição tem uma rede de laboratórios, uma sala de convivência para os alunos, uma biblioteca, uma sala de informática, salas de aulas equipadas com computadores e uma sala de suporte de materiais para os professores. Há também profissionais em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para auxiliar alunos com deficiência auditiva e elevadores. O curso de Biotecnologia tem um foco na análise laboratorial e os alunos são instigados à pesquisa. O curso também exige estágio e Trabalho de Conclusão de Curso.

Compreendendo a organização da instituição se pode visualizar a disponibilidade de recursos educacionais aos docentes. A composição deste trabalho segue pelos seguintes capítulos: o primeiro traça o referencial teórico que guia esta monografia; no capítulo dois encontra-se a análise das entrevistas com o coordenador do curso de biotecnologia, da professora de sociologia e de dois ex-discentes do curso de biotecnologia; em seguida, finalizamos com as “Considerações finais”.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo da teoria desenvolvida por Pierre Bourdieu como baliza, o sociólogo Bernard Lahire substitui o conceito de campo para jogo e troca a noção de *habitus*, admitindo que há plurais para ação, por isso o ator para o Lahire é sempre plural. Para Lahire, a noção de campo de Bourdieu está associada aos campos exclusivamente profissionais, tanto a nossa vida social extrapola tais campos e se desenvolve em múltiplas configurações sociais, refinando o campo de possibilidades analíticas dos conceitos desenvolvidos por Bourdieu. Portanto, se Lahire abandona a noção de campo, logicamente deixa de usar a de *habitus*, mas mantendo a ideia de internalizamos as disposições socialmente condicionadas.

Na teoria sociológica contemporânea, percebeu-se a necessidade de se superar a dicotomia entre indivíduo e sociedade para realização da análise científica. A perspectiva teórica de Bourdieu contribuiu para a superação dessa dicotomia por desenvolver uma teoria que tentava unir as duas perceptivas. A articulação que o autor faz para superar a dicotomia se mostra no processo subjetivo de incorporação de condutas para a ação que é adquirida previamente, em suas primeiras relações sociais, tanto familiares quanto na sociedade em seu entorno, sendo essas estruturas incorporadas através da participação do sujeito, mesmo que timidamente, nesses primeiros espaços da sua trajetória.

Os capitais adquiridos ao longo da vida dos indivíduos os orientam para ação nos campos onde ele está inserido, mas nem todo capital é valorizados dentro de um determinado campo, vitória de certas disputas que vai angariar mais prestígio capital simbólico, por exemplo, uma pessoa que trabalha em uma metalúrgica adquiriu certos capitais que são valorizados nesse ambiente social tais como realizar medições com paquímetro, micrômetro, entendimento sobre desenho técnico, processos de manufatura e entre outros saberes fabris, quando esse indivíduo sabe solucionar algum problema de forma rápida e de baixo custo para empresa ele tende adquirir mais prestígio no seu local de trabalho. Entretanto quando esse sujeito resolve fazer um curso superior numa área diferente na que ele está inserido, por exemplo, curso em História ao invés de algum curso na área da mecânica, o capital que ele obteve ao longo do seu ofício não será tão valorizado na área que ele pretende realizar sua graduação. Só certos capitais, que alguns indivíduos adquiriram, fazem ter vantagem em determinados campo, assim o sujeito que adquiriu certos capitais para ter legitimidade em determinados campos acaba se sobressaindo em relação aos outros indivíduos que não possuem o acúmulo de capital para agir no referido campo. Em outras palavras, cada campo

particular possui um conjunto de regras, demandas, necessidades próprias, internalizando nos agentes *habitus* específicos e produzindo uma *illusio* característica.

Lahire, por sua vez, encontra algumas inconsistências nesses conceitos. O conceito de campo direciona nossos olhares para os agentes que competem em um determinado campo profissional específico, deixando de fora da análise os subcampos ou entrecampos, direcionando a verificação aos discursos oriundos do interior do próprio campo que se está estudando:

[...] campos sociais são espaços estruturados, relativamente autônomos, com posições a serem ocupadas, regras a serem seguidas, interesses, com seus capitais (desigualmente distribuídos) e lutas específicas. Lahire tem que os campos e subcampos parecem se apossar de toda forma de interação entre indivíduos, com a constante ilusão de que os atores já nasceram dentro de tal ou qual campo – o que explica de certa forma a falta de interesse pela vida desses atores fora do campo que produzem. Fica a questão se para todo encontro entre pessoas teremos como pano de fundo a constituição de um campo social. Um encontro casual, para Lahire, não consiste necessariamente na formação de um campo, bem como algumas práticas – e objetos – pertencem a vários campos ao mesmo tempo. O campo jurídico, por exemplo, pode incluir práticas do campo universitário, bem como extrauniversitário, como o religioso, o estético, o econômico, etc. O entendimento de Lahire é de que a teoria dos campos resolve uma série de problemas científicos, mas gera outros: ignora as passagens operadas pelos agentes de um campo a outro (que pode fazer com que disposições avessas ao campo presente possam ser ativadas, bem como há também a distinção dos campos onde somos produtores dos que somos consumidores, espectadores, etc); negligencia aqueles que se definem socialmente fora de toda atividade de um determinado campo (mulheres no lar, sem atividade profissional nem pública, por exemplo); e considera fora do campo “os sem-grau”, as pessoas que se encontram à margem no campo (os funcionários que trabalham na portaria, nas cantinas, na limpeza, são exemplos, e, diga-se de passagem, indivíduos já subalternizados). É como se uma parte considerável do mundo social estivesse fora do campo de análise. (RODRIGUES, 2018, p. 12 - 13).

O ponto central da teoria de Bourdieu “[...] consiste na relação dialética entre condutas individuais propelas por disposições socialmente adquiridas do *habitus*, de um lado, e estruturas objetivas ou campos de relações entre agentes diferencialmente posicionados, de outro”. (ALVES, 2016, p. 3). A relação dialética entre o indivíduo, a sociedade e o motor subjetivo da ação humana se torna viável a partir do conceito de *habitus* desenvolvida por Bourdieu. O conceito remonta a Aristóteles e seu conceito de *hexis*, no qual a moralidade adquirida se fixa no indivíduo, dessa forma orientando os seus desejos e os seus sentimentos em determinadas situações. Posteriormente, o termo foi traduzido para o latim por Tomás de Aquino em sua *Summa Theologicae*, que compreendia como uma disposição durável que ficava suspendida entre a potência e a ação premeditada. Bourdieu retrabalha esse conceito definindo *habitus* como:

[...] sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem em nada ser o produto da obediência a alguma regra e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro (BOURDIEU, 2009, p. 87).

O conceito de *habitus* não nega a incorporação de múltiplas disposições típicas dos campos possíveis em que o indivíduo se insere, entretanto, para fins de análise, o conceito é utilizado, conforme a uma crítica comum direcionada a Bourdieu, segundo a qual sua abordagem tende a homogeneizar as categorias sociais ou classes, em que o indivíduo é a expressão desses elementos sociais similares incorporado nessas classes e age conforme a orientação já incorporada e ativadas em determinados campos:

Bourdieu (2013a, p. 99) define o *habitus* de classe como o *habitus* individual na medida em que exprime ou reflete a classe como um sistema subjetivo, mas não individual, de estruturas interiorizadas; esquemas comuns de percepção, pensamento e ação. São esses esquemas comuns que permitem fundar toda concertação objetiva das práticas e a unicidade da visão do mundo na impessoalidade e na substituíbilidade perfeitas das práticas e das visões singulares. Trata-se de uma relação de homologia; de diversidade na homogeneidade, que une os *habitus* singulares dos diferentes membros de uma mesma classe e que reflete a própria diversidade na homogeneidade característica de suas condições sociais de produção. (ALVES, 2016, p.11-12).

Entretanto, o conceito de *habitus* pode apresentar problemas quando aplicado na análise na escala individual, pois esse conceito preconiza que a incorporação prévia que deixa marcas no indivíduo é a expressão que guia o seu modo de agir. Bernard Lahire, a meu ver, refinou a abordagem bourdieusiana transpondo-a para a perspectiva da escala individual. O intuito do autor é desenvolver uma perceptiva sociológica na qual as disposições seriam os pontos principais para a análise.

Lahire faz ressalvas sobre a compreensão de disposição exposta na proposta de Bourdieu. Segundo Lahire, as disposições não necessariamente exercem forte poder de incorporação sobre o indivíduo. O autor compreende em que circunstâncias do trajeto de pesquisa Bourdieu fez surgir esse entendimento sobre as disposições, mas a falha está justamente nesse ponto, porque, em seus primeiros trabalhos empíricos, Bourdieu pesquisou sobre o modelo de sociedade camponesa argelina no qual o modelo tradicional, e em grande medida homogêneo, faz as disposições familiares serem mais fortes. Contudo, em sociedades plurais, algumas disposições tendem a ser mais fortes do que outras:

Variedade da experiência social típica das sociedades diferenciadas, a individualidade compreenderia justamente esse patrimônio heterogêneo, essa combinação singular das disposições e competências que os indivíduos adquirem neste e naquele contexto ao longo do seu processo de socialização. Quanto mais variadas forem as trajetórias sociais possíveis, quanto maior for o acesso a experiências sociais distintas, tanto mais autênticas serão essas individualidades e tanto mais notáveis serão as variações individuais dos patrimônios de disposições. Com efeito, mais que sociologicamente compreensível, a individualidade (constituída das variações individuais dos patrimônios de disposições e competências) é sociologicamente necessária em formações sociais diferenciadas por resultar da variedade e heterogeneidade da experiência social incorporada. (LIMA; MASSI, 2015, p. 5).

Para a análise de como atuam de diferentes formas as disposições no indivíduo, Lahire indica dois conceitos que se correlacionam na averiguação da trajetória do sujeito: variações diacrônicas e sincrônicas. A variação diacrônica implica a observação as mudanças que o sujeito sofreu em seu percurso biográfico, ao passo que a sincrônica refere-se ao contexto, tanto geral quanto específico, em que ocorrem essas mudanças, observando-se as suas oscilações e as suas atualizações. Nessas oscilações e nessas atualizações pode se verificar se o indivíduo ficou em estado de vigilância, ou seja, mesmo se expondo a um determinado contexto social, isso não significa que o sujeito incorpore um sistema de disposições, pois pode ocorrer resistência e negação em relação a tal variável social em que ele está interagindo. Contudo, também pode haver um estado de transformação no qual a incorporação das novas perspectivas sociais com as quais o sujeito entra em contato ajuda na elaboração de novos quadros sociológicos que molda de forma distinta a experiência e a ação do indivíduo na sociedade.

Assim, Lahire apresenta sua definição de ator plural:

Um ator plural é, portanto, o produto da experiência – amiúde precoce, de socialização em contextos sociais múltiplos e heterogêneos. No curso de sua trajetória ou simultaneamente no curso de um mesmo período de tempo, participou de universos sociais variados, ocupando aí posições diferentes. (LAHIRE, 2002, p 36.).

Lahire reformula as investigações para a escala individual a fim de pesquisar as ações interindividuais e intraindividuais e não as relações entre sujeitos da mesma classe e entre classes. Nessa perspectiva, procura-se investigar as tensões, as coerências e as incoerências do indivíduo nas múltiplas configurações sociais em que o sujeito está inserido e como essa multiplicidade social pode interpelar o sujeito, inclusive convidando-o a (re)construir e (res)significar certos sentidos sociais, ou seja, as tensões internas em relação à exterioridade apresentada ao sujeito. Dessa forma, pode-se verificar como interagem os

contextos múltiplos da realidade social e os indivíduos, investigando as tensões, as rupturas, as reafirmações, as adaptações, analisando o indivíduo dentro dos seus múltiplos pertencimentos.

Partindo do conceito de ator plural, a verificação dos dados é realizada concomitantemente à maneira como os entrevistados relatam sua biografia, principalmente no âmbito escolar e do trabalho. Assim, torna-se possível analisar as disposições mais pertinentes na biografia do sujeito, ou os contextos sociais que estiveram mais presentes na vida desses indivíduos e as disposições que entraram em estado de vigilância ou em adaptação aos contextos sociais aos quais foram expostos e relatados nas entrevistas, dessa maneira, formando quadros sociológicos.

Os quadros sociológicos são produtos dos contextos sociais que serviram de base, nesta pesquisa, para os entrevistados pensarem sobre suas concepções da Sociologia e do ensino dessa disciplina na escola técnica.

3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A análise das entrevistas visa verificar em quais contextos sociais cada entrevistado, ao longo de sua trajetória de vida, colocam maior ênfase na sua biografia. O exame dos dados visa a compreensão dos entrevistados em relação às suas vivências nas relações de trabalho e de educação ao longo de suas trajetórias, produzindo quadros sociológicos que orientam sua (e as nossas) compreensão em relação à disciplina de Sociologia das Organizações e do Trabalho no curso técnico de Biotecnologia.

3.1 COORDENADOR DO CURSO DE BIOTECNOLOGIA

Possui graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992), graduação em Bacharelado em Ciências Biológicas, ênfase em Genética pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1994), Mestrado em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1997) e Doutorado em Fitotecnia pela USP/ESALQ (2014). Atualmente é professor do EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Porto Alegre (2008). Tem experiência na área de Cultura de Tecidos Vegetais, com ênfase em Genética, atuando principalmente nos seguintes temas: genética, citologia, biotecnologia, histologia e fisiologia vegetal. (SILVA, 2019).

Passando por uma análise ampla e circunscrita de dois parâmetros, da vida escolar e do trabalho, observamos que o início da vida escolar do coordenador, em grande parte, foi realizada em escola pública. Família oriunda de classe média baixa de Porto Alegre, que o incentivava a se aprimorar na educação, e devido ao contexto histórico em que cursou o ensino básico, no final da década de 1960, muitos colegas não seguiram o mesmo trajeto e saíram do Ensino Fundamental, indo trabalhar. Contudo, o coordenador veio de uma classe econômica um pouco mais elevada, cujo ambiente familiar proporcionava o incentivo à educação, o que permitia uma ajuda financeira quando estudava. Nesse ambiente de incentivo aos estudos, o seu interesse para as ciências naturais foi se acentuando na medida em que avançava na escolaridade. No ensino médio, o seu maior interesse moveu-se para a Química, área em que decidiu iniciar a sua jornada no mundo do trabalho: “Ok. Vamos lá, desde pequeno eu sempre fui voltado a essas áreas ambientais e também de laboratório, de mexer em coisas, misturar coisas e fazer... sabe, tipo...”. (TRECHO DA ENTREVISTA DO COORDENAR).

Essa relação se mostra muito presente, principalmente no que tange ao ensino superior, em que entrelaça o seu trabalho com estudos. Essas duas configurações sociais se

tornam muito presentes no seu discurso. Na maior parte da sua vivência, tanto a escolar quanto a de trabalho, o coordenador enfatiza o seu percurso no ensino superior, tanto que comenta brevemente, em linhas gerais, seu período anterior à entrada na universidade: “Não, eu sempre gostei muito de Química, daí quando eu fiz o ensino médio já voltado para Química despertou mais ainda a vontade de estudar essa área, de conhecer mais, enfim.” (TRECHO DA ENTREVISTA DO COORDENADOR).

A sua vivência profissional se mescla com a sua trajetória estudantil. Como estudava em uma área de ciência de base, rumou profissionalmente para o ensino, dando aula em escolas particulares e cursinhos. Posteriormente, lecionou em escolas públicas em contratos emergenciais e, nesse período, fez um curso no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) de guia de ecoturismo, trabalhando como guia por 10 anos:

Eu sempre fui de fazer coisas fora. Eu dava aulas em escola particular, nessas escolas que fazem aulas de reforço. Dei aula em cursinho. E lá por 1991 eu fiz um curso de guia de atrativos naturais. Guia Ecoturismo, no SENAC. Eu fiz o curso e já estava trabalhando na área como guia de turismo. (TRECHO DA ENTREVISTA DO COORDENADOR).

Dentro do quadro sociológico enfatizado pelo coordenador, observamos essas duas vertentes, ou duas configurações na sua vida. Ele confere muita ênfase em relação às sua vivência na área da educação dessa maneira indicando um percurso “natural” na sua posição atual de trabalho:

Aí surgiu o curso, eu fiz o curso e logo depois que eu terminei o curso, como já era formado em Biologia, me chamaram para ser professor do curso. Aí mais duas vezes o curso, eu fui um dos professores do curso que eu tinha feito. Aí o que acontece: eu entrei no mestrado e eu estava fazendo o trabalho de guia de turismo ecológico, trabalhei uns dez anos como guia de turismo ecológico, ganhei uma grana com isso. Aí depois trabalhei no Pró-Guaíba, trabalhei no Jardim Botânico, trabalhei... (TRECHO DA ENTREVISTA DO COORDENADOR¹).

A pergunta: *as oportunidades de trabalho apareceram relacionadas com a área da educação?* O entrevistado respondeu o seguinte:

Na época, sim, porque eram as oportunidades que estava tendo, mas sempre em volta do ensino, porque apesar de fazer um trabalho de guia, eu acabava ensinando as pessoas, mostrando e falando sobre o ambiente, sobre as plantas, sobre os animais, sobre... (TRECHO DA ENTREVISTA DO COORDENADOR).

¹ Nesse trecho o entrevistado ressaltou que lecionou duas vezes no curso que anteriormente ele já tinha cursado.

A sua trajetória de trabalho e de educação se moldaram na perspectiva do ensino, tanto que, para justificar o seu papel atual, no âmbito do trabalho e em como observa a dinâmica pedagógica do ensino. O coordenador utiliza esse quadro sociológico de sua vivência, como gosto pelo estudo como vontade própria, sem descartar a importância dos incentivos familiares e como isso o ajudou a estar onde está:

Ou não teve força de vontade, também. Porque eu gostava muito de estudar, entende? Então, é diferente comparar duas pessoas. Tu pode colocar uma faca no peito do cara para fazer ele estudar, que, se ele não quiser, não vai estudar. Eu já dei aula para alunos assim em aula particular. Eu ia dizer pro dono da escola que não ia dar mais aulas para o cara, porque ele não queria ter aulas. Quem estava forçando ele a ter aula particular era a mãe, que estava trazendo ele e ele não queria nada com nada. Estava dando aula para ele aqui e ele estava olhando para a rua. Entendeu? O que eu quero dizer é o seguinte: primeiro, tem que ter vontade. Segundo, tem que ter oportunidade. E, em terceiro, se tu tem um suporte, só decola, só vai. É isso que me diferenciou dos outros que ficaram para trás, que não terminaram de se formar, que foram trabalhar, que desistiram, na realidade.

[...] Claro que se tu não 'tem' oportunidade, não adianta. Os meus pais sempre me incentivaram a estudar e a terminar os estudos e, além disso, eu gostava de estudar. Eu sou professor. Hoje eu fiquei feliz quando fui dar aula às 7:30 da manhã e os meus alunos perguntaram de onde eu tirava tanta disposição para estar sempre alegre dando aula, eu falei que é porque eu gosto. Eu cheguei dando bom dia, todo mundo dormindo, meio cabisbaixo e eu quis animar eles e me vieram com isso. Eu sempre gostei de estudar, até hoje eu gosto. (TRECHOS DA ENTREVISTA DO COORDENADOR).

Em seu percurso (auto)biográfico o coordenador realça o seu interesse pelas ciências naturais. As ciências humanas não o atraíam e, nos espaços que frequentou, pouco se direcionava em relação à disciplina de sociologia. A vinculação que o coordenador faz de algo próximo ao seu entendimento sobre o que é Sociologia remonta ao tempo em que era aluno na educação básica, no período da ditadura, e diz respeito ao ensino religioso:

Não teve Sociologia. Aonde falava um pouco disso e de Filosofia era na parte religiosa. As pessoas introduziam bastante coisas sobre Filosofia e Sociologia. Era muito interessante. Na época, eu não dava bola nenhuma, mas, hoje, se eu refletir, a religião não era religião. Não era tu entrar lá e sair rezando ou fazendo louvor, era Sociologia e Filosofia. Era isso que davam em religião, porque eles falavam muito de relações pessoais, valores da vida. (TRECHO DA ENTREVISTA DO COORDENADOR).

Quando o coordenador começou a trabalhar na IFRS Porto Alegre, que naquele tempo era escola técnica da UFRGS, a instituição extinguiu o ensino médio e permaneceu somente com o técnico, assim, ainda permaneciam alguns vestígios das matérias do ensino médio, tais como História, Geografia, Sociologia, entre outras disciplinas. A Biotecnologia já existia e os professores, junto com a coordenação, achavam importante ter a Sociologia,

pois, no entendimento da instituição, ajudava no trabalho em equipe. A partir dessa justificativa, o coordenador, com o tempo, achou importante o ensino de Sociologia no ensino técnico:

É porque a gente achava importante. Eu nem estava, na época, mas o pessoal achava importante que o técnico ‘tenha’ a Sociologia, porque é um trabalho em equipe. Ele tem que trabalhar em equipe e saber trabalhar em equipe, ele tem que ter noção pelo menos de se socializar. Hoje em dia, me diz qual é o trabalho científico que sai só com um autor? Tu ‘conhece’ algum? É muito difícil. Geralmente uma equipe é um monte de gente trabalhando. Para sair um *paper*, é um monte de gente. E para te ‘ligar’ com todas essas pessoas, tu ‘precisa’ ser social. Mas não é só por isso. O nome da Sociologia é Sociologia das Organizações de Trabalho. Então, significa que o cara vai ensinar o cara a trabalhar. Ensinar o cara como é que ele entra no mercado de trabalho, ensinar a ele para ele ter essas relações, de ele saber opinar a respeito de alguns assuntos que são voltados a à tecnologia. E, aí, entra inclusive Bioética. Na História, que a gente tem a disciplina de Bioética também. Entendeu? Então, tem tudo a ver as duas coisas. A gente pelo menos enxerga assim. (TRECHO DA ENTREVISTA DO COORDENADOR).

Ao longo do percurso da vida escolar e de trabalho, o coordenador teve pouco contato com a disciplina de Sociologia. O sentido que atribui à disciplina foi construído pelo coordenador a partir das perspectivas de sua vivência tanto do trabalho quanto acadêmica. A partir da entrevista com o coordenador podemos observar alguns elementos que permitem um entendimento sobre o que ele compreende ser a sociologia: o primeiro é em relação ao estudo da ética e moral, elementos oriundos do ensino primário, tal como relatado na entrevista, que foi se solidificando com o tempo e se somando ao segundo elemento, que é uma visão de gestão.

Esse olhar voltado para gestão foi formando, pelo coordenador, a partir do momento que começou a trabalhar na IFRS, no qual a disciplina de sociologia visava o mercado de trabalho, oferecendo aos discentes, no entendimento do coordenador, uma formação teórica introdutória sobre gestão de pessoas e convivência no ambiente de trabalho e criação de laços sociais para negócios, ou network – tal essa percepção faz com que reafirme a importância da disciplina no curso.

Apesar de o coordenador não ter entrado em detalhes, na entrevista, de como foi esse processo de incorporação da disciplina de sociologia em relação à gestão, ou network, pode ser apontado uma concepção dele sobre a sociologia. Essa noção da sociologia a apresenta e define como uma espécie ferramenta, ou seja, um conhecimento que os discentes irão usar no trabalho de forma concreta e não para ação técnica laboral, mas para ação do convívio social no ambiente do trabalho. Essa ferramenta tem em sua base, de acordo com sua concepção, o

entendimento da ética e moral da organização em que o estudante irá trabalhar para assim saber conduzir-se dentro desse ambiente social laboral.

3.2 PROFESSORA DE SOCIOLOGIA

A professora de Sociologia ministra a disciplina de Sociologia das Organizações e do Trabalho:

Doutora em Antropologia Social (UFRGS). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). Possui graduação em Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1997). Professora e Pesquisadora do IFRS (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Porto Alegre). Pesquisadora colaboradora da UFRGS e desenvolveu projeto de Pós-doutorado no BIEV (Banco de Imagem e Efeitos Visuais) / UFRGS. Atua como docente e Coordenadora Adjunta Acadêmica Nacional no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) em Rede e docente permanente no Programa de Pós-graduação Educação em Ciências: química para a vida e saúde (UFRGS). Sua experiência na área de Antropologia tem ênfase em Antropologia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: memória, envelhecimento, alimentação, representação social, família, genealogia, relação geracional e imagem, ofícios e profissões. (FRANÇA, 2019).

A professora de Sociologia foi criada em um bairro de classe média de Porto Alegre, em que a configuração familiar e de seu entorno indicavam certo padrão social de valorização dos estudos e de trabalho:

Eu venho de uma família de quatro filhos. Minha mãe é do interior, não tinha parentes em Porto Alegre, casou com o meu pai, de Porto Alegre, casou com ele e veio morar aqui. Primeiro, veio estudar. Ela fez a faculdade de Educação. Então, eu venho de uma família muito escolarizada para a época. A minha mãe nasceu em 1917. Meu pai, em 1920. Era formado em Contabilidade. Ela era três anos mais velha que ele. Aí, eles casaram quando ela veio fazer a faculdade de Educação aqui, se conheceram, ele pediu, era da Caixa Econômica Federal, foi trabalhar lá por um período e o namoro deles se aprofundou. Aí, ele foi transferido para cá e resolveram casar. Então, ela veio, casaram, ela veio para Porto Alegre e meu pai faleceu muito cedo. Eu tinha 2 anos. Então, somos quatro filhos, o mais moço tinha 8 meses, eu com 2 anos, o meu outro irmão com 4 e o outro com 5. E a minha mãe não casou de novo. Então, ela ficou viúva, enfim, criando... professora, diretora do grupo escolar onde eu estudava, os meus irmãos estudaram no primário no colégio que ela era diretora, o enfrentamento também por conta da ditadura e bom, eu venho então dessa família escolarizada. (TRECHO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA).

Esse contexto mostra que seu ambiente familiar era fortemente marcado pela valorização da escolaridade. Provavelmente graças à mãe, que era professora, o incentivo aos estudos se intensificou. A sua formação foi na escola pública, fato este que se combina de algum modo e grau ao contexto familiar, levando a entrevistada seguir a carreira de docente:

Então, tá. Eu fiz o primário, sou pré-jurássica. Fiz o primário, fiz o ginásio e fiz o magistério já com uma proposta de reforma do ensino médio, que, na época, era o segundo grau profissionalizante. Fiz o magistério, aí, fiz vestibular para a UFRGS, passei para Pedagogia, que era o que eu queria até então. (TRECHO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA).

Sempre recebeu, grande incentivo da mãe para arranjar um trabalho e não depender de um homem para se manter. Na atualidade, refletindo sobre o seu passado e somando ao que aprendeu em sua carreira acadêmica, a professora fez uma autoanálise do motivo da sua orientação profissional:

Não tenho muita dúvida, não. Eu lembro a questão do Magistério, por exemplo, não ter sido uma escolha minha. A minha mãe disse que eu tinha que fazer, que eu tinha que ter uma profissão para não depender de marido. Minha mãe era uma mulher muito forte. Ela disse “tu ‘vai’ fazer a graduação e tu vai escolher o que fazer”, mas porque eu já estava quase noiva ali. Eu terminei o ginásio e já tinha um namorado que virou meu primeiro marido. Eu acho que era uma preocupação da minha mãe eu não ter que depender de marido, ter que ter uma profissão. Então, tem a ver, sim, essa influência. Mas é uma coisa que sempre me encantou. Quer me deixar feliz, me bota em sala de aula. Eu gosto do que eu faço. E os retornos que eu tenho sempre são muito positivos. Os retornos críticos servem para eu aprender. As coisas que não deram certo é para aprender e melhorar. (TRECHO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA).

Na UFRGS, a professora estudou no curso de Pedagogia até o oitavo semestre, mas, devido à efervescência política que ocorria no Brasil naquele período, início da década de 1980, e certa omissão do curso, do ponto de vista da professora, quando estudante de pedagogia, que a incomodava, pois, vinda de uma linhagem paterna que era ativa politicamente e letrada, considerava que havia uma omissão do curso sobre a situação política, infringindo tamanho mal-estar que a fez procurar outro curso, mesmo que já trabalhasse na área:

Os próprios professores eram muito atuantes e a educação, não a Pedagogia, o curso de Pedagogia na Faculdade de Educação, não. Era um curso que pouca resistência ofertava. Um ou outro professor que ofertasse resistência houve afastamento. Então, eu fui até o oitavo semestre me incomodando muito com isso. Em 1981, eu peço transferência para Ciências Sociais. Aí, então, eu faço Ciências Sociais, Bacharelado e Licenciatura. Depois, a seguir, eu já faço mestrado, posteriormente, doutorado em Antropologia Social.

[...] A família do meu pai é uma família de destaque no estado: Eu sou bisneta do Júlio de Castilhos, sou neta do Salvador França. Então, é uma família que vem com um histórico político muito forte, um histórico de atuação política e de destaque, dentro das áreas também acadêmicas. (TRECHOS DA ENTREVISTA DA PROFESSORA).

Vinda desse contexto social, a professora encontrou, no curso de Ciências Sociais, um lugar propício para diminuir suas angústias e para ajudar a tornar mais preciso a análise da realidade social. Dessa maneira, fez toda a sua formação superior, com ênfase em Antropologia.

A percepção da professora referente ao ensino de Sociologia no ensino técnico é formar os alunos com uma compreensão mais refinada da realidade social do trabalho. A disciplina ajuda os alunos a olhar a realidade social como um entrelaçado de relações sociais que permeiam a realidade do trabalho, sempre trazendo, para a consciência, a noção de cidadania e senso crítico das estruturas sociais do mundo do trabalho:

Então, a ideia é desenvolver o aluno tanto tecnicamente, mas um aluno que saiba fazer a leitura do social e que atue como um trabalhador, sabendo muito mais num papel de cidadão do que num papel de atender as necessidades do mercado. Quando se pensa o que é um papel de cidadão, é um sujeito ciente dos seus direitos, dos seus deveres etc, mas que atua, decisivamente, no seu ambiente de trabalho. Agora tu 'vê', isso significa que realmente se tenta fazer uma formação do aluno dentro da área técnica. Ele tem que ser um bom técnico naquilo que ele está se formando, e, na área humana, ser um trabalhador muito mais voltado a um conhecimento de cidadania do que um trabalhador que obedeça ordens sem nenhuma crítica. (TRECHO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA).

Dentro desse quadro sociológico, apresentado pela professora, os vestígios indicam os contextos sociais onde foi criada e que orientaram sua escolha de profissão. Mas, no âmbito da educação, devido às disposições familiares que se chocaram com certas disposições que o curso de Pedagogia pudesse criar, fez com que entrasse em um estado de vigilância referente à situação política do Brasil naquele momento. Assim, resolveu mudar de curso e realizar o curso de Ciências Sociais.

Referente à sua percepção quanto à disciplina de Sociologia no ensino técnico, a professora enfatiza os elementos do senso crítico e a cidadania nas relações sociais no trabalho. Essa percepção fundamenta-se em seu percurso tanto educacional quanto familiar, em que sempre esteve em contato constante com assuntos de política. Dessa maneira, a consciência política e de cidadania e o refinamento do senso crítico tornam-se muito presentes em seu discurso. Esses elementos refletem em sua percepção da disciplina no ensino técnico.

3.3 EX-DISCENTE 1

A ex-discente 1 tem 35 anos, nasceu e reside na cidade de Porto Alegre, Bairro de Petrópolis. Em sua trajetória escolar, todo o ensino básico foi na escola do seu bairro.

Todavia, devido a um AVC de seu pai, sua situação financeira começou a complicar, o que fez sua mãe pedir uma bolsa de estudos para os filhos na escola:

Estudei no colégio Santa Inês, que fica na Protásio Alves, próximo da minha casa... [...] Bairro Petrópolis, morava no Jardim Botânico. Eu estudei desde o jardim B lá e saí quando terminei o segundo grau. Nunca tive reprovação. Eu tinha bolsa escolar. [...] Eu entrei pagando e quando o meu pai ficou doente no meio do caminho, não sei exatamente que série, o meu irmão também estudava lá... Aí, a minha mãe resolveu nos retirar. Era um colégio de freiras. Ela conversou com a irmã e a gente conseguiu ficar com valor de desconto. O meu irmão não pagava e eu pagava a metade. (TRECHOS DA ENTREVISTA DA EX-DISCENTE 1).

Posteriormente, fez o vestibular, em grande medida por incentivo de sua mãe, para Biologia, por opção pessoal:

Eu quis fazer Biologia. Cheguei começar na PUC. Então, em 2003, fiz três semestres. Ficou muito caro, não tinha como pagar, então, eu saí. Casei, fiz filho, 'né'? E, em 2016, resolvi voltar a estudar e eu já estava procurando algo na área de Biologia ou alguma coisa que me levasse a trabalhar em laboratório no que eu gosto. (TRECHO DA ENTREVISTA DA EX-DISCENTE 1).

Mesmo preferindo a área da saúde, mas percebendo que sua entrada na universidade pública exigiria muito estudo e tempo para tal, fatores que sua realidade não lhe ofereciam, pois precisava trabalhar; e além disso, os indicativos das suas notas ao longo do seu trajeto escolar fizeram com que visse outras opções fora da universidade pública. Essa concepção da não possibilidade, ou da dificuldade, de entrar na universidade pública federal estava enraizada em dois elementos falados na entrevista. O primeiro é que, na universidade federal, só entram pessoas com as maiores notas e que tinham mais facilidade de aprendizado ao longo da trajetória escolar. O segundo fator é a não possibilidade de poder trabalhar quando se faz a universidade federal. Esses elementos fazem parte do contexto social em que a entrevistada viveu:

Mas como eu sempre gostei da área da saúde... O meu intuito era fazer Biomedicina, só que não tenho condições para fazer Biomedicina. Muito caro e, como estudei, em colégio particular, depois que meu irmão saiu, eu não tinha a bolsa que o ENEM me exige para poder fazer gratuito, 'né'? Uma faculdade gratuita. (TRECHO DA ENTREVISTA DA EX-DISCENTE 1).

Essa opção foi oriunda do convívio com seus amigos, que, em grande parte, fizeram cursos na área da saúde, somado ao seu interesse pela matéria de Biologia, principalmente nos conteúdos que explicavam o funcionamento do corpo humano. Contudo, devido aos problemas financeiros, a ex-discente teve que sair da universidade, ficando um tempo

considerável sem estudar. Voltou por insistência de uma amiga, que cursava Engenharia e queria que fizesse Engenharia também. Porém, a entrevistada decidiu por fazer novamente Biologia:

Essa minha amiga que disse que ia voltar, ela queria que eu fizesse Engenharia. Mas, eu não tenho nada a ver com Engenharia. Ela queria mais uma companhia para ir para faculdade.

[...] Eu sempre quis trabalhar na área da saúde. Eu pretendo fazer isso na Biologia mesmo tendo cadeiras de Zoologia e Botânica. Eu vou me focar na área da Saúde. Eu faço essas cadeiras, porque elas estão inseridas no currículo e, para eu ter o diploma, eu preciso fazer. Eu não fiz Medicina na época, porque era caro. Eu não teria condições de arcar, mesmo que fizesse uma pública, seria caro. Eu vi que não era para mim, tinha que estudar muito. (TRECHOS DA ENTREVISTA DA EX-DISCENTE 1).

Entrou no Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter) em 2016, em Biologia, com ênfase em licenciatura, e entrou no primeiro semestre de 2017 no técnico em Biotecnologia no IFRR de Porto Alegre. Seu percurso educacional mostra uma inclinação para área de Biologia e como certas disposições moldam a concepção da aluna na sua trajetória escolar, os elementos em que a discente coloca maior ênfase na sua entrevista foram às aulas de Biologia e ao convívio com as amigas que tinham predileção profissional pela área da saúde. Essa predisposição para área de biologia se formou primeiro pelo seu interesse na disciplina de biologia na escola:, a ex-discente viu que tinha facilidade e interesse pela área e somada aos incentivos da sua turma e dos professores, tais como o reconhecimento de melhor aluna de biologia na sua turma e suas notas na disciplina no decorrer do ensino básico. Posteriormente com seus amigos de escola, que em sua maioria já queriam trabalhar com algo relacionado à biologia, como medicina, fisioterapia, zootecnia, entre outros cursos. Dessa maneira essa inclinação se tornou mais nítida depois de formada no ensino básico com a pressão da família, principalmente da sua mãe, para realizar o ensino superior em qualquer área.

Eu comecei a trabalhar com vendas. Foi aqui no centro mais ou menos com 18, 19 anos. Não tinha carteira assinada... Era meio que ambulante. A gente via um anúncio no jornal e precisávamos trabalhar. Eu vinha aqui, a gente pegava... Era uma empresa... Não sei bem dizer do que era, mas a gente pegava uma série de produtos, uma mala de produtos...

[...] A gente pegava, vendia e devolvia no final do dia. Tinha uma meta de venda no dia. Ganhava um valor cheio no dia mesmo. Assim, foi o meu primeiro trabalho. Não fiquei muito tempo. Era muito puxado, mas dava muito dinheiro. (TRECHOS DA ENTREVISTA DA EX-DISCENTE 1).

Posteriormente, trabalhou por oito anos na área de telemarketing, quatro em uma empresa e mais quatro em outra, onde o ritmo de trabalho não lhe agradava. Apesar de ser com carteira assinada, as condições de trabalho e a distância da sua residência para o trabalho prejudicavam os estudos. Mesmo que tenha parado, ainda manifestava a vontade de estudar. Também ficava difícil para ter tempo livre, pois os horários de trabalho não favoreciam ir muito longe da cidade e dificultavam sua convivência com o filho, que já nascera enquanto trabalhava no telemarketing, visto que, como o horário de trabalho era desigual ao que o filho ficava na creche, a obrigava a contar com a ajuda de sua mãe.

Depois do nascimento do seu primeiro filho, almejou subir de cargo na última empresa de telemarketing em que trabalhou. Mesmo depois de ter conseguido, saiu dessa empresa e foi trabalhar em mais duas empresas também na área de telemarketing. Quando saiu da última empresa, começou um empreendimento, com o seu irmão e seu namorado, de casas pré-fabricadas, porém, a empresa faliu e foi trabalhar em uma ferragem de uma amiga, que também trabalhou na sua empresa. Foi essa amiga que a incentivou a voltar a estudar. Atualmente, a entrevistada é bolsista de uma incubadora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), no Parque Científico e Tecnológico da PUCRS (TECNO PUC), uma empresa privada de produtos biotecnológicos, em um projeto de pesquisa no Instituto Federal e no curso de Biotecnologia o projeto vinculava-se à empresa privada, com o instituto e mais uma faculdade de Lajeado:

Tipo para eu entrar no curso aqui, eu larguei um emprego que ganhava muito bem e, até hoje, trabalho 'num' estágio na IC que é... Na pesquisa, como uma bolsa, bolsista do CNPq, ganho 400 reais, mas, fazendo o que eu gosto, mas ganhando muito pouco mesmo, na esperança que isso vá me render, 'né'? Além de trabalhar no que eu gosto, ter um dinheiro para o meu sustento depois. (TRECHO DA ENTREVISTA DA EX-DISCENTE 1).

A partir de tal trajetória (auto)biográfica, a sua visão em relação ao ensino de Sociologia no primeiro momento não foi muito boa, pois o seu primeiro contato com a Sociologia se deu só pelo curso de Biotecnologia. Anteriormente, tentava fazer alguma relação com a Filosofia, que teve no ensino médio, mesmo que muito breve. A aluna comentou que existia entre os colegas certo desânimo em relação à disciplina, pois não entendiam as suas implicações para com a sua profissão e o sentido da matéria no curso:

A pergunta: *só porque era obrigatório?* A resposta da entrevistada foi o seguinte: “Porque era obrigatório. Exato. Era isso.” (TRECHO DE ENTREVISTA DA EX-DISCENTE 1).

A pergunta: *entre os comentários de vocês, o que mais circulava entre vocês nos comentários sobre o ensino de Sociologia? Sobre o conteúdo de Sociologia?* A resposta da entrevistada foi o seguinte: “Ninguém tinha interesse nenhum.” (TRECHO DE ENTREVISTA DA EX-DISCENTE 1).

No percurso escolar da entrevistada, não houve nenhuma informação que a orientasse sobre a Sociologia e, somado ao seu interesse pela Biologia, não havia contextos sociais que a auxiliassem a atribuir algum sentido à disciplina de Sociologia. Contudo, no andamento das aulas da disciplina de Sociologia das Organizações e do Trabalho, a ex-aluna foi orientada a realizar um trabalho em grupo para apresentar um dos três autores clássicos da Sociologia: Karl Marx (1818–1883), Émile Durkheim (1858–1917) e Max Weber (1864–1920). O seu grupo ficou responsável pela apresentação de Marx. Ao ler, mesmo que introdutoriamente sobre a teoria marxista e a debater, posteriormente, com os colegas as implicações da teoria na realidade social, começou a atribuir sentido à disciplina na sua realidade de trabalho e a utilizar alguns conceitos para refazer algumas análises da sua trajetória de trabalho:

É, o que é interessante é que te leva... Como você vê a parte de trabalho, aquela parte de Marx, como o mundo ‘tá’ formado e como ele é e o estudo do cara, coisa que não tinha percebido que realmente a questão de oferta e procura, quanto mais mão de obra tem, mais baixo vai ser seu salário. Quanto mais desempregado, mais baixo vai ser seu salário. Tudo isso me fez entender uma coisa que não pensava, por isso que realmente te digo, você fica focado, fazendo só o que tu ‘gosta’ e tu não ‘percebe’ que tu ‘está’ nesse mundo, nesse círculo.

[...] Bom... Eu trabalhei oito anos no telemarketing e eu me senti lá explorada, eu me senti explorada.

[...] Já me sentia, porque a gente trabalhava seis horas, seis por um, ‘né’? Nos finais de semana, eles nos colocavam em qualquer horário, então era o horário que eles queriam. Embora tivéssemos horário fixo, no final de semana, a gente ficava sabendo da guria... Geralmente, na sexta ou na quinta, ficava sabendo qual horário que tu ‘iria’ trabalhar, tinha que estar à disposição. Geralmente, era sábado e domingo. Aí, você ficava dois sábados ou dois domingos e isso sempre... Eu aceitava, eu precisava trabalhar, era um trabalho meio doido e sempre vi isso como ruim, sabe?! E, quando estava na empresa x, eu disse: ‘chega agora vou trabalhar num trabalho de segunda à sexta porque não dá mais...

[...] Não, só trabalhava. Eu trabalhava, tipo, no meio da tarde até de noite. Largava o meu filho na escola, ia trabalhar, depois uma senhora pegava, a minha mãe pegava dessa senhora e depois eu pegava da casa da minha mãe.

[...] A gente não tinha essas coisas. Eu tirei férias, acho, que uma vez. Então, eu só trabalhava, trabalhava, trabalhava.

[...] Eram seis horas por dia, mas era no meio do dia e pegava no final de semana, sempre tinha final de semana. O que mais me incomodava era o final de semana.

[...] Trabalhava lá no morro. Tinha mais esse porém, ‘né’? Dentro do morro Santa Tereza, eu pegava o ônibus, começava a trabalhar das seis à meia noite. E, ainda mais, engravidei. O ônibus tinha muita gente. Pagar a passagem, dava estresse, brigava com o motorista, parava o ônibus e pegava outro ônibus... Tinha toda essa tensão para trabalhar todos os dias. Se não pegasse esse ônibus, eu tinha que ir numa lomba muito grande... (TRECHOS DA ENTREVISTA DA EX-DISCENTE 1).

As citações apontam que a ex-discente começou a relacionar a sua trajetória às noções de Marx. Na análise da entrevista indicam que os contextos sociais que a entrevistada vivenciou lhe proporcionaram, em certa medida, uma predileção pela área da saúde, principalmente com a convivência com outros amigos, que também compartilhavam do mesmo interesse nesse ofício. Contudo, não seguiu nessa área e optou por estudar Biologia. Como em sua família houve muito incentivo aos estudos, mesmo quando parou de estudar e permaneceu trabalhando, vislumbrou a possibilidade de retornar aos estudos. A sua vivência escolar possibilitou quase nenhum acesso à disciplina de Sociologia. No máximo, também encontrou um sentido para a Sociologia a partir das poucas aulas de Filosofia. Ser inserida nesses contextos fez com que não se importasse tanto com a disciplina no curso técnico de Biotecnologia e não conseguiu entender o motivo da disciplina estar no curso. Por esses motivos, a “aplicação” da disciplina no trabalho nada agregaria, segundo ela.

Contudo, a sua perspectiva em relação à disciplina começou a ser alterada devido às aulas de Sociologia do curso de Biotecnologia, principalmente no que tange à área de trabalho. A entrevistada colocou maior peso nessa perspectiva quando fazia a correlação do seu trabalho no telemarketing com a teoria marxista e conseguia observar as relações de trabalho existentes quando trabalhava tal área. O sentido que a ex-aluna atribuiu à disciplina no curso é entender a si mesma não apenas como uma pessoa operante no trabalho, mas verificar como esse trabalho está estruturado socialmente e como essa estrutura faz direcionar o quanto o indivíduo ganha e as condições de trabalho: “É, eu acho que ‘pra’ gente ter um pensamento, saber exatamente como funciona, como se formou a sociedade, o que a gente é dentro dela, não só estudar, trabalhar e ficar velho, ter essa parte também.” (TRECHO DA ENTREVISTA DA EX-DISCENTE 1).

Essa mudança ocorreu aos poucos e ao longo das aulas e, principalmente, com as rodas de debates ocorridas em sala de aula, que foram os momentos que achou mais interessante, nas quais percebeu algum sentido na teoria sociológica e das suas implicações práticas.

3.4 EX-DISCENTE 2

O ex-discente tem 23 anos, nasceu e reside na cidade de Porto Alegre, no bairro Tristeza. Seu percurso escolar foi em escola pública. No ensino fundamental, era um aluno exemplar, tirava boas notas e tinha uma boa convivência com os funcionários da escola e com

os colegas. No ensino médio, devido à convivência com outros colegas, segundo ele próprio, começou a desandar em relação aos estudos, mas nunca chegou a “rodar”. No término da educação básica, foi se preparar para o vestibular por pressão dos pais que exigiam que tivesse alguma graduação, mas não influenciando-o em relação ao curso. Optou por Engenharia Elétrica:

Primeiro, porque aquela pressão que o cara sofre logo quando sai do ensino médio, tem que fazer alguma faculdade! Então, aí, no caso, eu saí e associei coisas agradáveis. Eu gostava de Matemática, Física, na época também. Ah! Matemática e Física, então, vou fazer Engenharia Elétrica. (TRECHO DA ENTREVISTA DO EX-DISCENTE 2).

Não conseguiu passar no curso, tentou quatro vezes sem sucesso. Mesmo com esses fracassos, seus pais sempre o incentivaram a estudar, não exigindo que trabalhasse até se formar:

O pai sempre falou que tinha que estudar para o futuro... Não adianta ter várias coisas agora, trabalhando, e, no futuro, não conseguir... Primeiro, tenho que fazer o que eu gosto e esse é o meu pensamento para o futuro ter mais renda.
[...] Não adianta juntar um dinheiro agora e comprar um carro e, no futuro, comer todo o meu salário, coisas assim. (TRECHOS DA ENTREVISTA DO EX-DISCENTE 2).

O ex-discente atribuiu ao acaso a escolha da Engenharia. Em contra partida, já possuía um gosto pela disciplina de Biologia no período da educação básica, entretanto, no seu percurso escolar, via as dificuldades em dar aulas e a precariedade no ensino. Antes de entrar no curso técnico de biotecnologia o ex-aluno achava, nesse primeiro momento, que seria somente na docência que poderia trabalhar se fosse cursar Biologia. Esse contexto o desestimulou a cursar tal área.

Nesse tempo de transição da escolha do curso, o ex-aluno foi obrigado a servir no exército. Quando terminou o cumprimento de tempo da obrigatoriedade do serviço militar, o ex-discente retornou aos estudos e resolveu fazer um curso técnico em Biotecnologia desencadeando o segundo momento que ajudou a alterar sua percepção em relação à área de Biologia. No andamento do curso ele começou a gostar da maneira que os professores transmitiam as aulas, ele começou a apresentar os trabalhos e gostar das apresentações dessa maneira a sua vontade em se aprofundar na Biologia só aumentava, delineando-se uma disposição decisiva na sua escolha do curso de graduação:

Na época, eu gostava de Biologia, mas, tipo, apenas do curso pré-vestibular, porque eu estudava 'pro' vestibular. No caso, eu gostava de Biologia tanto que, na época, eu queria fazer Engenharia, não queria fazer Biologia. Eu acho que uns dos motivos que 'leva' muitas pessoas, que também me levou, foi o acaso, acredito. Estou ali, quero fazer um técnico em Biotecnologia, 'pô'! Eu gosto de Biologia e, então, acho que vou escolher esse curso. Foi o que aconteceu comigo, não foi nada... Quando entrei, nem sabia direito o que era Biotecnologia, depois me apaixonei. [...] Acho que também eu tinha medo de trocar para Biologia também, porque tinha era esse lance de 'serem' meio 'desvalorizado', tinha medo de trocar para fazer o que eu gosto, porque sempre gostei de Biologia. O que me fez mudar mesmo foi o técnico. (TRECHOS DA ENTREVISTA DO EX-DISCENTE 2).

A trajetória de trabalho do aluno se deu em dois momentos, quando serviu, por um ano no quartel e seu atual trabalho, como bolsista, na PUCRS. Na percepção do ex-discente, o trabalho se molda a partir do ambiente onde o sujeito está inserido. Faz uma comparação da estrutura rígida e hierárquica do exército e da sua atual função, que não deixa de ser rígida, contudo, existe uma dimensão de afeto, de amizade, com os membros e colegas de pesquisa e com a professora que o orienta amenizando certas estruturas rígidas do trabalho.

A compreensão da disciplina de Sociologia para o ex-discente, pode variar em função de sua trajetória social, em função do currículo da escola ou em função de dificuldades inerentes de aprendizado, sendo que estas últimas não podem ser avaliadas diretamente pela pesquisa sociológica. Quando estava no ensino médio, tinha a disciplina de Sociologia e, todavia, a forma como o professor ministrava as aulas saía do foco da disciplina. Em relação aos conteúdos, para organizar ações coletivas para o melhoramento físico da escola, tais como arrecadar um dinheiro para adquirir um ar-condicionado, melhorar a pintura da escola, entre outras ações e, no final dessas atividades, não havia a finalidade do entendimento e do aprendizado da disciplina de Sociologia. Essa forma foi um pouco alterada a partir da substituição do professor regente para uma professora, estagiando na escola, que realizava debates com os alunos sob a ótica da Sociologia, mas, no período que ficou, que, segundo o ex-discente, foi um breve período, foi muito significativo e interessante. Porém, com a retomada do professor regente, o seu pequeno interesse desapareceu:

Porque ele não dava aula, na real. Vou contar um lance que ele inventou, que ele queria que os alunos conseguissem uma grana para limpar o pátio da escola. Nem limpar o pátio da escola... Tinha uma parte que tinha um mato muito alto e ele queria que os alunos conseguissem dinheiro para capinar o pátio, tipo isso. Só que cada turma ele fazia a mesma coisa; uma turma para comprar um ar-condicionado e essa era a nota no semestre. [...] Tive com uma professora que deu Durkheim, mas ela ficou muito pouco tempo. Ela foi muito boa, fazia os alunos 'pensar'. (TRECHOS DA ENTREVISTA DO EX-DISCENTE 2).

Embora esse primeiro contato com a disciplina no ensino médio não o fizesse perceber as implicações que a Sociologia poderia ter em sua realidade social, quando o ex-discente estava no curso de Biotecnologia, na disciplina de Sociologia, a situação que vivenciou no ensino básico se repetiu. Porém, se repetiu com duas professoras que estavam estagiando. O diferencial, segundo o ex-aluno, era que a primeira professora pedia para que os alunos lessem o texto que havia solicitado e depois fazia com que cada aluno colocasse sua observação nesse texto, assim, começava a promover o debate entre os alunos. O aluno achou interessante essa forma de ter aula e o fez gostar da matéria. Contudo, com a segunda professora, o seu interesse degringolou, pois a professora ficava a maior parte do tempo desenvolvendo discussões teóricas e realizava poucas dinâmicas com os alunos. Mas, apesar desses contratempos do ensino de Sociologia, a pouca oportunidade que teve de aprender a matéria ajudou a refinar sua compreensão sobre as relações de trabalho: “Trabalho é tudo aquilo que tu ‘vai’ investir numa coisa. No caso, fazer alguma coisa, qualquer coisa. O tempo que tu ‘vai’ dedicar para estudar música, até mesmo, trabalhar num emprego, no caso, e estudar, estudar.” (TRECHO DA ENTREVISTA DO EX-DISCENTE 2).

A trajetória escolar do ex-discente mostra muito interesse nos estudos desde que a dimensão afetiva na relação pedagógica se concretizasse, somando-se ao fato de que vem de uma família que estimulava e exigia que se estudasse. Mesmo que seus colegas, em determinados anos escolares, abandonassem a escola e fossem trabalhar, seus pais o orientaram a se dedicar aos estudos. Apesar da pouca experiência de trabalho que o ex-aluno teve em sua biografia, já se fez observar, em linhas gerais, os contextos sociais em que o trabalho organiza e como esses contextos moldam a percepção do trabalho.

Mesmo os breves momentos que o ex-discente teve com a disciplina de Sociologia, no ensino médio lhe mostraram um pouco das potencialidades da disciplina para observar a realidade social. Quando estava no curso técnico de Biotecnologia, a didática da primeira professora e os debates ocorridos na turma auxiliaram na mudança da percepção sobre as relações do mundo do trabalho e como o trabalho era concebido dentro de cada realidade social. Dessa maneira, o ex-discente compreende que o sentido da disciplina no curso técnico é desenvolver a capacidade de análise da realidade social em que está inserido, inclusive e principalmente no trabalho, e como essa influência social ajuda a moldar a concepção de trabalho e as relações humanas no trabalho, segundo suas próprias impressões.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Houve um processo de reestruturação curricular, do curso de biotecnologia da IFRS Campus Porto Alegre, depois que as entrevistas já haviam sido feitas, contudo, como parto da percepção dos ex-discentes, se torna viável a análise do antigo currículo. No currículo do curso de biotecnologia, a disciplina de Sociologia das Organizações e do Trabalho se encontra no último semestre do curso, com e, dois créditos em sua súmula.

A hipótese que conduziu a análise do trabalho era que a metodologia de ensino desenvolvida, que não estabelece os nexos entre a profissão para a qual o curso prepara e os conteúdos da disciplina de sociologia, o que faz os docentes terem concepções distintas da disciplina de sociologia e os discentes não compreenderem o sentido da sociologia no ensino técnico; no entanto, tal hipótese foi **parcialmente comprovada**. Apesar de um número pequeno de entrevistas realizadas, devido aos poucos interessados em realizar os depoimentos, impede construir uma resposta satisfatória, ainda assim podemos realizar alguns apontamentos a partir dos dados coletados nas declarações dos ex-discentes e professores.

Em linhas gerais, os ex-discentes, compreendem a importância da disciplina no ensino técnico não para aprimorar a técnica no ofício, mas entender a dinâmica das relações sociais no ambiente de trabalho. Os ex-discentes concebem, mesmo com breve contato com a matéria, que a disciplina de Sociologia é uma forma de sair do escopo técnico do curso. Conforme os ex-discentes entrevistados, “não ser um robô”. Para eles, o trabalho não é meramente executar algo e receber por isso. Existem relações sociais que adentram, invisivelmente, no ato da realização laboral, que produzem implicações sobre as formas de organização do trabalho, como são os seus sistemas de remuneração, que as concepções de trabalho alteram a forma da execução do ofício, as formas de segregação social nas relações sociais no trabalho, entre outras implicações do social nas atividades laborais e vice-versa.

O segundo apontamento da pesquisa, a partir da análise das entrevistas, é dos docentes, professora de sociologia e o coordenador do curso de biotecnologia, é que as pessoas que não tiveram contato com a disciplina de sociologia tendem a compreender o sentido da matéria assimilando algo familiar em sua biografia, como é o caso do coordenador do curso de biotecnologia, que compreende o sentido da disciplina, no primeiro momento, como entendimento ético e moral e no segundo momento entrelaça a compreensão anterior para ação mais profissional no ambiente de trabalho. Tal pensamento, provavelmente, se origina no tempo da educação básica, que consistia no ensino religioso, em que a maior parte do conteúdo, segundo a entrevista do coordenador, era direcionada para o entendimento das

relações sociais e valorização da vida. Esse entendimento se altera quando começa a trabalhar na antiga escola técnica da UFRGS, atualmente IFRS Campus Porto Alegre, onde se depara com a disciplina de sociologia e percebe que a matéria ajuda os alunos a estabelecer uma rede relacional no trabalho, networking. E essa concepção é oriunda, segundo a entrevista do coordenador, de sua vivência acadêmica na produção de artigos e trocas de conhecimento na área. Esse ponto de vista é antagônico em relação à professora de sociologia, que percebe que a disciplina auxilia os alunos a terem uma visão mais crítica nas relações do trabalho e uma compreensão sobre consciência política e de cidadania. Os dados parecem indicar que grande parte dessa percepção veio tanto de seu ambiente familiar, bastante envolvido com a política, quanto de sua trajetória acadêmica no curso de ciências sociais na UFRGS. Essas concepções contraditórias sobre o ensino da sociologia no ensino técnico apontam para a vivência de cada indivíduo, coordenador e a professora, em relação à disciplina de sociologia ao longo de suas biografias, que se refletem no entendimento distinto sobre a metodologia.

O que quero afirmar, portanto, é que esta pesquisa nos sugere duas outras hipóteses: ou a variável independente a ser analisada é a organização curricular da escola ou a variável independente é a trajetória de alunos e professores; e tanto num caso como no outro a variável dependente é o método de ensino aplicado. O teste e a comprovação de tais hipóteses dependeria de outras e novas pesquisas, o que extrapola os limites deste trabalho de conclusão.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana. Dos habitus de classe aos patrimônios individuais de disposições: reflexões sobre a prática em Pierre Bourdieu e Bernard Lahire. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 18, n. 42, p. 294-327, ago. 2016.

ANDRADE, Rafael Ademir Oliveira de. Apresentando Sociologia para não sociólogos: Perspectivas de ensino em graduações em Porto Velho, Rondônia. **Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais**, RJ, v. 2, n. 1, p. 115-123, jan./jun. 2018.

BARROS, Nelson Filice de. O ensino das ciências sociais em saúde: entre o aplicado e o teórico. **Ciência & Saúde Coletiva**, RJ, v. 19, n.4, p. 1053-1063, abr. 2014.

BOURDIEU, Pierre. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, MARIA Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 39-64.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, MARIA Alice & CATANI, Afrânio (orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979. p. 73-79.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2019]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 06 mai. 2019.

BRASIL. [Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico (1999)]. **Resolução ceb n.º 4, de 8 de dezembro de 1999. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico**. Brasília, DF: Presidência da República, [2019]. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_99.pdf. Acesso em 18 abr. 2019.

BRASIL. [Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (2012)] **Resolução, C. N. E. CEB nº 6, de 20 de setembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, 2012**. Brasília, DF: Presidência da República, [2019]. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11663-rceb006-12-pdf&category_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 14 abr. 2019.

BRASIL. [Diretrizes e bases da educação nacional (1997)]. **Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: Presidência da República, [2019]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm. Acesso em 18 abr. 2019.

BRASIL. [Diretrizes e bases da educação nacional (2004)]. **Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências.** Brasília, DF: Presidência da República, [2019]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm. Acesso em: 14 abr. 2019.

BRASIL. [Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (2008)]. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências.** Brasília, DF: Presidência da República, [2019]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm. Acesso em 05 nov. 2019.

BRASIL. [Lei de Diretrizes e Bases (1996)]. **Lei 9394/96–Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, DF: Presidência da República, [2019]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 05 nov. 2019.

CARIDÁ, Ana Carolina. Ensino de Sociologia no Nível Médio: Estudo exploratório baseado em concepções de professores e estudantes da Grande Florianópolis. **Em Debate**, Florianópolis, v.5, n. 5, p. 86-100, fev. 2011.

CARNIEL, Fagner; BUENO, Zuleika de Paula. O ensino de sociologia e os seus públicos. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 39, n. 144, p. 671-685, set. 2018. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302018000300671&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 mar. 2019.

CARNIEL, Fagner; RUGGI, Lennita Oliveira. De sociólogo e de louco todo mundo tem um pouco: ou porque a sociologia é a disciplina mais legal da escola. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 235-247, jan./abr. 2015.

FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhos. **Currículo Lattes.** Brasília, DF: CNPq, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9018048091572664>. Acesso em: 14 abr. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. **Plano de Desenvolvimento Institucional do Instituto Federal do RS: 2014 – 2018.** Bento Gonçalves, 2014. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2017/08/PDI-2014-2018.pdf>. Acesso em: 11 out. 2018.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL CAMPUS PORTO ALEGRE. **Técnico em Biotecnologia.** Porto Alegre, 2010. Disponível em: http://www2.poa.ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2009/05/projeto_pedagogico_biotecnologia.pdf. Acesso em: 10 out. 2018.

INSTITUTO FEDERAL RIO GRANDE DO SUL CAMPUS PORTO ALEGRE. **Institucional.** Porto Alegre, 2018. Disponível em: http://www.poa.ifrs.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=273&Itemid=320. Acesso em: 10/10/ out. 2018.

INSTITUTO FEDERAL RIO GRANDE DO SUL. **Sobre o IFRS**. Bento Gonçalves, [2018?]. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/institucional/sobre/>. Acesso em: 10 out. 2018.

KRELL, Olga Jubert Gouveia. Os desafios contemporâneos da disciplina Sociologia do Direito nas faculdades de Direito à luz de uma experiência docente. **Revista Espaço Acadêmico**, Paraná, v. 15, n. 177, p. 59-72, fev. 2016.

LAHIRE, Bernard. Disposições e contextos de ação: o esporte em questão. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 11-29, dez. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/17675>. Acesso em: 09 mai. 2019.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural**: os determinantes da ação. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. Reprodução ou prolongamentos críticos? **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 37-55, abr. 2002. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 mai. 2019.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**: disposição e variações individuais. 1. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

LEAL, Sayonara; YUNG, Tauvana. Por uma sociologia do ensino de sociologia nas escolas: da finalidade atribuída à disciplina à experiência social do alunato. Estudos de caso no Distrito Federal. **Soc. Estado**, Brasília, v. 30, n. 3, p. 773-796, dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922015000300773&lng=en&nrm=iso. Acesso em 01 fev. 2019.

LIMA JUNIOR, Paulo; MASSI, Luciana. Retratos sociológicos: uma metodologia de investigação para a pesquisa em educação. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 21, n. 3, p. 559-574, set. 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2510/251042220003.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2019.

MANFREDI, Silvia Maria. **Educação profissional no Brasil**: atores e cenários ao longo da história. 1.ed. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016.

MELO, Valci. O discurso oficial de educação para o exercício da cidadania e o papel do ensino de sociologia. **Revista HISTEDBR**, Campinas, v. 16, n. 68, p. 338-357, jun. 2016.

MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima. A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 31, n. 85, p. 341-357, dez. 2011. Disponível em: <http://evidence.thinkportal.org/handle/123456789/19817>. Acesso em: 05 fev. 2019.

ORSATO, Andréia; FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. Apontamentos sobre o ensino de Sociologia numa instituição federal de ensino técnico integrado: o caso do IFSul. **Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais**, São Cristóvão. v. 1, n. 1, p. 153-173, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://abecs.com.br/revista/index.php/cabecs/article/view/10>. Acesso em: 24 mar. 2019.

RESES, Erlando da Silva. ... **E com a palavra: os alunos: estudo das representações sociais dos alunos da rede pública do Distrito Federal sobre a sociologia no ensino médio.** 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

RODRIGUES, Renan. A sociologia de Bernard Lahire e suas críticas à sociologia de Pierre Bourdieu. **Revista Sinais**, Vitória, v. 22, n. 1, p. 28-47, jan./jun. 2018.

ROSSATO, Janine. A Sociologia no Ensino Fundamental em São Leopoldo/RS: a implantação e as percepções dos alunos sobre a disciplina. *In: I SEMINÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO BÁSICA: O SENTIDO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA*, 1., 2015, São Cristóvão. **Anais eletrônicos do Seminário de Ciências Sociais e Educação Básica**. São Cristóvão: NUPES, 2015. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/cienciassociais/article/view/385/323>. Acesso em: 25 jul. 2019.

SANTOS, Elisângela. O ensino de sociologia nos cursos de enfermagem: discutindo possibilidades curriculares. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 99, n. 253, p. 633-648, dez. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812018000300633&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 mai. 2019.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Rev. Bras. Educ.**, RJ, v.1, n. 20, p. 60-70, ago. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 mai. 2019.

SILVA, Paulo Artur Konzen Xavier de Mello. **Currículo Lattes**. Brasília, DF: CNPq, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2718738410293731>. Acesso em: 14 abr. 2019.

SOUZA FILHO, José Anchieta de; TOSCANO, Geovânia da silva. O sentido do ensino de sociologia para os jovens de escolas públicas em fortaleza/ce. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA DA UFS*, 2., 2018, Sergipe. **Anais eletrônicos do Seminário Nacional de Sociologia da UFS**. Sergipe: UFS, 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/snsufs/article/view/10120>. Acesso em 21 abr. 2019.

WACQUANT, Loïc. Esclarecer o habitus. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. 10, n.16, p. 63-71, ago. 2007. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2459>. Acesso em: 19 mai. 2019.

**APÊNDICE A - PERGUNTAS PARA O COORDENADOR DO CURSO DE
BIOTECNOLOGIA E PARA A PROFESSORA DE SOCIOLOGIA**

- 1) Como foi o seu percurso escolar e profissional?
- 2) Como são estruturados fisicamente os espaços de aprendizagem do curso?
- 3) Como são organizados os conteúdos, grade curricular e os créditos das aulas do curso de biotecnologia?
- 4) Por que a disciplina de sociologia compõe o currículo do curso?
- 5) Há a preocupação em se estabelecer possíveis relações entre o conteúdo de sociologia e o curso de biotecnologia?
- 6) Quem é responsável por definir os conteúdos da disciplina de sociologia?
- 7) Como é, em geral, a metodologia das aulas de sociologia?
- 8) Acredita-se que a disciplina de sociologia pode contribuir para a formação do/a profissional da área de biotecnologia? Por quê?
- 9) Como o senhor (a) observa o mercado de trabalho atual para a área de biotecnologia?

**APÊNDICE B - PERGUNTAS PARA OS EX-DICENTES DO CURSO DE
BIOTECNOLOGIA**

- 1) Quais motivos te levaram na escolha do curso de biotecnologia?
- 2) Como foi o seu percurso escolar?
- 3) Qual a sua trajetória profissional? Tu trabalhas?
- 4) Houve alguma resistência em seu círculo social na escolha do curso? Qual a profissão e a formação escolar dos seus pais e irmãos?
- 5) Existe alguém que você conheça que trabalhe na área que você estudou?
- 6) Quais matérias do curso você achou mais e menos interessante? Em particular, qual a sua avaliação sobre o que é ensinado nos conteúdos de Sociologia?
- 7) Como você vê o mercado de trabalho do curso de biotecnologia? O que tu entendes por relações de trabalho? O que são e o que significam para ti? Essa concepção mudou? Como era antes e como é agora? Essa concepção tem a ver com tua experiência pessoal ou com a escola?

ANEXO A - GRADE CURRICULAR DO CURSO DE BIOTECNOLOGIA:

1

Curso Técnico em Biotecnologia

Código	Disciplina	Carga horária semanal
Modulo I		
BIO003	Biossegurança I	1
BiO009	Fundamentos de Laboratório	4
BIO010	Genética Aplicada	3
BIO004	Biologia Celular	2
BIO005	Biologia Molecular	4
BIO011	Elaboração de Projetos	2
QUI109	Fundamentos de Química	4
SEG065	Saúde e Trabalho	1
INF002	Introdução à Informática	2
BIO002	Bioética	2
	TOTAL DO MÓDULO 1	25
Modulo II		
BIO012	Bioquímica	2
BIO013	Processos Bioquímicos	3
BIO014	Parasitologia	2
BIO015	Histofisiologia Animal	4
BIO016	Histologia e Fisiologia Vegetal	4
BIO017	Imunologia	2
BIO018	Execução de Projetos	3
COE004	Inglês Instrumental	2
BIO008	Biossegurança II	1
BIO019	Introdução à Biotecnologia Ambiental	2
	TOTAL DO MÓDULO 2	25
Modulo III		
BIO020	Tecnologia de Cultivo de Células Animais	2
BIO021	Cultura de Tecidos Vegetais	4
BIO022	Gestão de Laboratórios	2
BIO023	Microbiologia	4
BIO024	Tecnologia do Cultivo de Microrganismos	3

BIO025	Empreendedorismo	4
BIO026	Bioestatística	2
LPO004	Língua Portuguesa	2
CSH003	Sociologia das Organizações e do Trabalho	2
	TOTAL DO MÓDULO 3	25
QBI105	Estágio Supervisionado * (<i>Prática Profissional</i>)	5